

**PALAVRAS PROFERIDAS POR OCASIÃO DA IMPOSIÇÃO DA  
MEDALHA DE MÉRITO MUNICIPAL  
(2012)**

**Senhor** Presidente da Câmara Municipal de Bragança, Eng. António Jorge Nunes

**Senhor** Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Prof. Doutor Adriano Moreira

**Senhora** Provedora Adjunta de Justiça, Dr<sup>a</sup> Helena Vera Cruz Pinto

**Senhor** Presidente da Assembleia Municipal de Bragança, Dr. Luís Afonso

**Senhor** Presidente do Instituto Politécnico de Bragança, Prof. Doutor Sobrinho Teixeira

Excelência Reverendíssima Bispo da Diocese de Bragança-Miranda, D. José Cordeiro

**Excelentíssimas** Entidades Cívicas, Académicas, Militares, Religiosas e de Defesa

**Senhores** Homenageados

**Senhores** Convidados

Comunicação Social

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Foi ontem, faz qualquer dia 81 anos, que, pela primeira vez, vimos, se é que vimos, a luz do dia — como, por outras palavras, disse V. Ex.cia, Senhor Presidente da Câmara, na generosa *Nota Breve* que encima e enriquece a *Bibliografia do distrito de Bragança*, abreviadamente *BdB*, razão primeira da nossa presença aqui.

Bem podia ser de outra forma, e valores mais altos se levantariam, mas quiseram os Fados, e quis V. Excelência, Senhor Presidente da Câmara, que fosse como é, pelo que "Em frente, que **atrás vem gente**", como sói dizer-se no bom linguajar da nossa terra — um linguajar que havemos de usar mais vezes porquanto ele tem, para ser tido e havido como vernáculo, tantas ou mais razões que os falares de Coimbra e/ou de Lisboa, cidades que se disputam a primazia da vernaculidade.

Daqui, por e como tal, "Em frente, que **está o caminho sem gente**", dizemos agora, diferentemente fundamentados!... **Em frente**, pois, e pelo "Sonho", como diria Sebastião da Gama. Porque só graças ao Sonho, "partimos, vamos, somos".

**Partamos**

Foram dez/onze anos a jogar, numa escapula, o *rou-rou*, a *porca*, o *pintchete*, etc., a fazer um *bira-bento* ou até um *carroço*, de batata ou de nabo e, sem ser em escapula nenhuma, a *botar as bacas* e/ou *tapar a água* a algum *lameiro* — que "O serviço do menino é pouco, e quem o perde é louco" (máxima desconhecida de certos Senhores Defensores dos Direitos da Criança).

Lá vem o *Selãiro*, de *satcha* ao ombro; a *Patchiz*, de *coleiro* na mão; a *Mónica* ..., este foi a um *lameiro*, aqueloutro à horta, um terceiro ... todos cuidando apenas do estômago, sem que nenhum tivesse culpa de que o seu mundo se encerrasse ali!...

Mas o fim do ano, e dos anos, chegava sempre, para novos e velhos, a cantar e a rir durante e no fim dos mais duros trabalhos — a exemplo do que fazem, logo pela manhã, com a barriga cheia ou a dar horas, melros, rouxinóis e demais passarada de diferentes plumagens e bico que volteia em nosso redor.

Mesmo assim, adeus, meu querido Parâmio. Bragança chama-nos. Vai abrir o Liceu.

### Vamos

Outro mundo, outras gentes, porventura outra vida — na nova casa que viemos habitar já havia luz eléctrica, a fazer esquecer o pestilento *candil* de petróleo, e havia também uma torneira a *botar* água, livrando-nos de ter de a ir buscar à fonte de *lava-cântaros*. E quantas coisas mais não havia em Bragança, no liceu e não só!...

Sete anos pela frente, todos os anos novos professores — compreensivos, afáveis, a grande parte; azedos como vinagre ainda conhecemos alguns. Mas os anos foram correndo sem novidades de registo, que o necessário era, também e fundamentalmente, papaguear a lição.

Caras ao fim, 5º ano, talvez, criámos um **jornal**. Em companhia com o saudoso Fernando Subtil: de parede, a princípio; a valer, tempos depois. A terminar, já no 7º, portanto, quiseram eleger-nos Presidente da Academia: cortejo e *récita*, em comemoração do 1º de Dezembro — única incumbência da Academia, e nós não soubemos, nem poderíamos, dar-lhe outra —, lá se realizaram, com redobrada satisfação para quantos haviam conseguido, nas noites anteriores, roubar uma (ou mais) *pita(s)* (o que nós nunca fizemos, diga-se de passagem) para a comezaina da praxe.

No mais ... havia uma biblioteca, sim, mas ninguém sabia o que lá estava. Tínhamos cá o Denis, ele a comprar o seu Capitão Morgan e nós "Os bandidos do Arizona" (1º livro da nossa incipiente biblioteca) ou as "Cartas do meu moinho" e nos dias seguintes a trocarmos resumos e opiniões sobre eles ... Que era o que valia!...

E o nosso Parâmio a ficar ainda mais longe... Direcção, agora: Coimbra.

Mais o caminho andado (4+7 anos) que o caminho a andar (4 ou 5). Era um passo, mas parecia de gigante — sobretudo porque ... faltava dá-lo. No fim de contas, como depois se viu, as lições até eram quase as mesmas, tantas delas igualmente insípidas, sonolentas (a culpa talvez fosse nossa, que tínhamos escolhido o curso errado), só que de outro nível; as cólicas, essas, em 2ª edição (quem as tinha) e as alegrias nos exames também; e havia sebatas, grandes copianços ...

Do lado de fora era outra loiça: da cidade nem se fala, da vida académica ... saudosas latadas, "trupes", serenatas, Queima das Fitas, de cuja Comissão, no devido ano, fizemos parte ... Quem vos pudera reviver!...

Para terminar, uma **beca** para a Universidad Internacional Menéndez Pelayo (Santander, Espanha) — que saudade dos Colegas, vindos de *remilhentos* países, dos Professores, da Terra!!!. Que mês tão microscópico!!!...

Só não criámos, em Coimbra, é óbvio, nenhum jornal, não havia nem lugar nem necessidade disso — e as possibilidades também eram poucas, manda a verdade que se diga. Mas havia bibliotecas, havia livros, havia mais que o necessário para lermos. Assim nós tivéssemos sabido ler ... e ter lido!...

### **Somos**

Após uma curta passagem por Leiria — que trouxemos no coração —, de novo na nossa Bragança, professor de Português da Escola Industrial e Comercial. Agora, sim, voltávamos a **precisar** de um jornal. E os Alunos também queriam esse jornal ... O Director é que tanto se lhe dava como se lhe deu. Pois muito bem, faça-se o jornal, dissemos para os nossos botões.

E o jornal fez-se: um ou dois números — os primeiros, obviamente — sob a nossa inteiríssima responsabilidade. Ainda bem que o Senhor Director viu que o jornal se vendia... E "adoptou-o". Melhor assim.

Entretanto, com o estágio (dois anos) para professor do quadro, não sabemos o que se passou — sabemos apenas que, no regresso, o jornal voltou à nossa responsabilidade, mas convertido em **boletim** — um boletim que publicou trabalhos de vários professores, de entre os quais o Prof. Doutor Francisco José Terroso Cepeda. E muitos e variados trabalhos de muitos alunos. Um grande boletim ...

... que ainda por cá anda: após o 25 de Abril, acordado de uma letargia de alguns anos, graças ao Dr. Fernando Calado voltou à classe de jornal, sob o título de "Outra Presença". Complexo? Parece. Amigo? Não há dúvidas. Nós compreendemos.

É um grande jornal, como o comprovam os prémios já arrecadados. A juntar aos muitos livros que a Escola há muito vinha comprando.

Andado este caminho todo, e tendo de concluir, citamos o que a *Bíblia* diz em Mateus, 4.1: 3-4, repetindo palavras de Cristo: que nem só de pão *vive* o homem, mas **de toda a palavra** ...

Tinha razão o Evangelista, mas não disse a verdade toda na plenitude de toda a sua força: parafaseando-o, cremos não errar se lermos que nem só de pão *vive* o homem, mas também de muitas das palavras que saem das páginas de muitos livros e jornais — quiçá algumas dos nossos (livros e jornais e por isso deles temos vindo a falar)) acima citados.

De há muito que V. Excelência, Senhor Presidente da Câmara Municipal de Bragança, viu isto mesmo: e por isso criou as bibliotecas que criou, e patrocinou as muitas e grandes publicações que patrocinou e deu a esta nossa publicação o apoio que deu.

Regosijamo-nos que assim tenha sido. E é por isso que aceitamos de muito bom grado um galardão que, por vir da mão de quem vem, tem para nós um duplo, um altíssimo significado.

Jamais trabalhámos tendo em mira qualquer recompensa; o que fizemos ontem e o que fazemos hoje é tudo e apenas a simples continuação da nossa missão de professor, de amigo devedor da nossa terra e da nossa gente. Que está, sabemos, deveras para além do mero cumprimento do dever.

V. Excelência viu aquilo que neste País ainda mal se enxerga: a imprescindibilidade de levar a **Cultura** — jamais os **diplomas** — à frente de toda e qualquer realização, caminho lapidarmente traçado na máxima chinesa que aconselha a não dar o peixe mas a cana com este se há-de **pescar**, depois de ter ensinado a **pescá-lo**.

A *BdB* de que há instantes falámos e outros títulos que temos vindo a publicar pretendem ser a referida cana. Esperamos que o público em geral a queira usar, e com ela como motor — só a união faz a força — faça uma boa e grande pescaria. Que ela, cana, nos possa ajudar — de qualquer forma, ela será sempre, e em qualquer circunstância, o mais eficaz elixir para catapultar para longe endémicas **crises** que, do fundo da nacionalidade, cíclica e sistematicamente, têm varrido o País.

Do coração, Obrigado.

Disse.